

Uma abordagem discursiva das estratégias de legitimação do telejornalismo

A discursive approach to the legitimation strategies of television journalism

CLARISSA SCHWARTZ^a

EUGENIA MARIANO DA ROCHA BARICHELLO^b

Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Ciências da Comunicação. Santa Maria – RS, Brasil

RESUMO

Este artigo¹ discute os processos de legitimação do telejornalismo brasileiro a partir da identificação e análise de estratégias discursivas acionadas pelo *Jornal Nacional*, exibido pela Rede Globo. Tendo como objetivo investigar como os acontecimentos reportados pelo telejornal incidem sobre as estratégias discursivas de legitimação desenvolvidas nas coberturas, três acontecimentos jornalísticos foram selecionados para análise: rompimento de barragens em Brumadinho, aumento de queimadas na Amazônia e pandemia de covid-19. A investigação tem como base teórico-metodológica a análise do discurso em três níveis – situacional, discursivo e semiolinguístico, – proposta por Charaudeau. As principais estratégias discursivas de legitimação identificadas foram autorreferencialidade, apropriação de conteúdos amadores, instantaneidade e didaticidade, sendo sua operacionalização influenciada pela complexidade do nível situacional de cada acontecimento, entendido como um espaço de coerções.

Palavras-chave: Telejornalismo, midiatisação, estratégias discursivas de legitimação

ABSTRACT

This study discusses the processes of legitimization of Brazilian television journalism based on the identification and analysis of discursive strategies used by *Jornal Nacional*, broadcast by Rede Globo. Aiming to investigate how the events reported by the news affect the discursive legitimation strategies developed in the coverage, three journalistic events were selected for analysis: the dam failure in Brumadinho; the increase in fires in the Amazon, and the COVID-19 pandemic. This investigation has the analysis of discourse

^aDoutora em Extensão Rural (2012) e Comunicação (2023) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com Estágio Pós-Doutoral em Comunicação (PNPD-CAPES), também pela UFSM. <https://orcid.org/0000-0002-6598-6355>. E-mail: clarissaschwartz@yahoo.com.br

^bDoutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2000). Realizou Estágio Pós-Doutoral Sênior na University College of London, com bolsa CAPES. Pesquisadora PQ2 CNPq (2008-2022) e docente permanente do PPG Comunicação UFSM (2005-2022). <https://orcid.org/0000-0001-5244-2829>. E-mail: eugeniabarichello@gmail.com

¹Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001 e Conselho Nacional de Pesquisa (PQ2 CNPq).



at three levels – situational, discursive, and semiolinguistic – proposed by Charaudeau as its theoretical-methodological basis. The main identified discursive legitimation strategies refer to self-referentiality, appropriation of amateur content, instantaneity, and didacticity, the operationalization of which is influenced by the complexity of the situational level of each event, understood as a space of coercion.

Keywords: Television journalism, mediatization, legitimation discursive strategies

A CRISE DO JORNALISMO contemporâneo tem sido definida como uma das mais complexas de sua história, indo muito além dos modos de financiamento e atingindo a legitimação da instituição em todo o mundo (Christofoletti, 2019; Meditsch, 2018). No Brasil, o agravamento do processo de deslegitimação da Imprensa está completando uma década. A cobertura jornalística dos protestos de junho de 2013² foi alvo de críticas de distorção e manipulação de fatos, com jornalistas passando a ser hostilizados, sendo que muitos dispensaram as credenciais das organizações jornalísticas e trabalharam de modo discreto nas multidões, na tentativa de minimizar os riscos de serem agredidos (Queiroz & Coutinho, 2014). Naquele ano, a Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj) registrou 189 ataques a profissionais de comunicação no Brasil. Em que pese haver redução nas ocorrências nos cinco anos seguintes em relação ao número registrado em 2013, a partir de 2019 os ataques superaram o patamar de 2013 e em 2021 foram registradas 430 ocorrências de violência a jornalistas no Brasil: um recorde desde o início da série histórica da Fenaj. Em 2022, o número total de ocorrências de violência contra jornalistas sofreu ligeira queda, totalizando 376 casos. No entanto, ocorrências de ameaças, hostilizações e intimidações tiveram um crescimento de 133%. A Fenaj relaciona a situação à gestão de Jair Bolsonaro, que durante seu mandato presidencial foi o principal agressor da Imprensa (Fenaj, 2023; *Violência contra jornalistas*, 2021).

Meditsch (2018, p. 11) avalia que a crise “parece contaminar a própria sociedade” imersa no crescente fenômeno da desinformação. O problema é tão grande que em 2020, com a pandemia de covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu a existência de uma infodemia, definida como “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (Organização Pan-americana da Saúde, 2020, p. 2). O problema revela uma das facetas dos processos de midiatização, compreendidos como novos padrões interacionais possibilitados pelo processo de virtualização (Hjarvard, 2012), uma “nova arquitetura comunicacional” em que os feedbacks são intensos e complexos (Fausto Neto, 2018, p. 68).

Christofoletti (2019, p. 57) considera que a “erosão da credibilidade” dos meios de comunicação está inserida no contexto de crise das instituições. Segundo o *Edelman*

² As manifestações começaram em 6 de junho de 2013, foram convocadas por meio das redes sociais pelo Movimento Passe Livre (MPL) e pediam a suspensão do aumento de passagens de ônibus e metrô em São Paulo. Os protestos se espalharam para 25 capitais com diferentes demandas (Figueiredo, 2017).

Trust Barometer, realizado em 28 países, incluindo o Brasil, em novembro de 2022, o percentual de confiança geral na mídia era de 50%, índice menor do que empresas (62%), organizações não-governamentais (59%) e governo (51%). No Brasil, 46% dos entrevistados declararam confiar na mídia (Edelman, 2023).

Compreendemos que, diante do cenário de crise e convergência (Jenkins, 2009), novos meios e meios tradicionais em constante reconfiguração, que já não possuem fronteiras delimitadas e tampouco usos distintos, atuam de modo concomitante, a televisão – especialmente os canais abertos – continua a ocupar uma função central, principalmente na cobertura de grandes acontecimentos, em que mobiliza grandes audiências (Becker et al., 2018; Jost, 2010) e busca acionar “um sentido de ocasião”, uma espécie de empatia coletiva diante dos acontecimentos transmitidos (Katz, 1993, p. 59). Nesses momentos, observamos que o telejornalismo, que hoje ultrapassa a especificidade da televisão (Emerim, 2020), incrementa o desenvolvimento de estratégias que buscam estabelecer, assegurar e, especialmente, recuperar uma posição de legitimidade diante do público e seus pares. Os processos de legitimação são entendidos aqui enquanto práticas comunicacionais que buscam o reconhecimento de uma instituição, organização, atividade ou indivíduo perante a sociedade. Além do olhar do outro, implicam atualmente em relacionamento e demandam ações por parte do público (Barichello, 2017; Dall Agnese, Barichello & Belochio, 2016; Berger & Luckmann, 2014; Charaudeau, 2014c; Van Leeuwen, 2007).

Diante do contexto supracitado, o objetivo geral deste artigo é investigar aspectos da incidência dos acontecimentos reportados pelo telejornalismo sobre as estratégias discursivas de legitimação acionadas nas coberturas. O objeto empírico de análise é o *Jornal Nacional* (JN), telejornal noturno da televisão aberta há mais tempo em exibição no país e com a maior audiência, exibido pela Rede Globo de Televisão de segunda-feira a sábado.

O artigo está dividido em cinco partes. Após essa seção introdutória, apresentamos as bases teórico-metodológicas utilizadas para investigar as estratégias discursivas de legitimação acionadas pelo JN. Na sequência, apresentamos três acontecimentos jornalísticos que eclodiram entre 2019 e 2020 e foram selecionados para a pesquisa em razão do poder de afetação individual e coletivo (Quéré, 2005) e característica de grande duração (Fontcuberta, 1993): rompimento de barragens da companhia Vale em Brumadinho, aumento de queimadas na Floresta Amazônica e pandemia de covid-19³. Salientamos que a intenção não foi avaliar as coberturas, mas as estratégias discursivas de legitimação nelas verificadas. A seção também detalha o percurso empreendido para identificação das estratégias discursivas. No quarto momento, realizamos um cotejamento dos modos de operacionalização das estratégias discursivas de legitimação identificadas em cada acontecimento. Por fim, identificamos aspectos das condições da enunciação de

³ A seleção de três acontecimentos em momentos distintos (primeiro e segundo semestres de 2019 e primeiro semestre de 2020) buscou atentar para diferentes estratégias discursivas de legitimação e diversos modos de operacionalização.

cada acontecimento para analisar a incidência dos acontecimentos reportados em relação às estratégias discursivas de legitimação acionadas pelas coberturas.

BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS UTILIZADAS PARA ABORDAR DISCURSO E LEGITIMAÇÃO

Charaudeau (2013, p. 67) atenta para as condições específicas em que emergem os discursos e compara esse quadro de referência a um palco, “com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico”. Desse modo, comunicar implica reconhecer minimamente essas restrições, esse conjunto de condições em que o ato de comunicação é realizado, significa ter ciência de um “contrato de comunicação” (Charaudeau, 2013, p. 68), que o autor define como o “conjunto das restrições que codificam as práticas sociolinguageiras, lembrando que tais restrições resultam das condições de produção e de interpretação” (Charaudeau, 2019, p. 60). Esse conjunto de restrições é composto por dados internos e externos.

Os dados externos correspondem ao nível situacional ou comunicacional e “desempenham o papel de coerções” (Charaudeau, 2014d, p. 453). Referem-se tanto às regularidades no comportamento dos indivíduos como às características estáveis da situação de troca. Charaudeau (2013) divide os dados externos em quatro tipos de condição de enunciação: condição de identidade – atenta para os traços identitários que influenciam o ato de comunicação e pode ser definida respondendo à questão: “quem fala a quem?” (Charaudeau, 2013, p. 69); condição de finalidade – considera os objetivos do ato de linguagem, sendo identificada pela resposta à pergunta: “estamos aqui para dizer o quê?” (Charaudeau, 2013, p. 69). O autor identifica quatro visadas ao responder essa pergunta:

a *prescritiva*, que consiste em querer “fazer fazer”, isto é, querer levar o outro a agir de uma determinada maneira; a *informativa*, que consiste em querer “fazer saber”, isto é, querer transmitir um saber a quem se presume não possui-lo; a *incitativa*, que consiste em querer “fazer crer”, isto é, querer levar o outro a pensar que o que está sendo dito é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro); a visada do *páthos*, que consiste em “fazer sentir”, ou seja, provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável. (Charaudeau, 2013, p. 69)

Em seguida, há: a condição de propósito – observa o domínio de saber em que o discurso é construído e pode ser reconhecida por meio de uma resposta à pergunta: “do que se trata?” (Charaudeau, 2013, p. 69); e a condição de dispositivo – refere-se ao ambiente específico em que o ato de comunicação é construído e pode

ser identificada respondendo a questões como: “que lugares físicos são ocupados pelos parceiros [da troca comunicativa]” (Charaudeau, 2013, p. 70).

Já os dados internos são encontrados nos níveis discursivo e semiolinguístico e referem-se ao modo de construção desse discurso, ou seja, “como dizer?” (Charaudeau, 2013, p. 70). Charaudeau apresenta três espaços de comportamento linguageiros: 1) espaço de locução, no qual são construídas as identidades dos locutores e interlocutores; 2) espaço de relação, no qual são estabelecidas as relações entre locutores e interlocutores; e 3) espaço de tematização, no qual são organizados os temas da troca comunicativa.

Enquanto o nível discursivo é considerado o lugar em que estão os modos de falar condicionados pelo nível situacional, o nível semiolinguístico corresponde à própria configuração textual e deve atender às condições de legitimidade, credibilidade e captação (Charaudeau, 2005).

As estratégias de captação buscam seduzir ou persuadir aquele para o qual falamos. O autor aponta dois tipos de atitudes que o sujeito falante pode adotar para tal finalidade: a) polêmica, que questiona valores ou a legitimidade do parceiro da troca comunicativa ou de um terceiro; ou b) dramatização, que busca sensibilizar o outro por meio da utilização de recursos como analogias, comparações e metáforas, baseando-se mais em crenças do que em conhecimento e fazendo com que a informação seja inserida em um espetáculo (Charaudeau, 2014a).

O autor esclarece que a noção de credibilidade resulta de um julgamento de alguém em relação a uma pessoa ou situação. Para tanto, o sujeito falante pode assumir três tipos de posição: 1) neutralidade, produzindo um discurso que busca apagar traços de julgamento pessoal; 2) engajamento, produzindo um discurso de convicção; e 3) distanciamento, produzindo um discurso frio e sem paixão (Charaudeau, 2014b).

A noção de legitimação, por sua vez, refere-se à posição do sujeito de direito em relação à palavra e à legitimidade do que se diz. Charaudeau (2014c) esclarece que a posição de autoridade pode decorrer de um processo com dois tipos de construção: autoridade institucional, quando o sujeito tem a autoridade do saber, como os especialistas, ou o poder de decisão, como os diretores de uma organização; e autoridade pessoal, baseada na atividade de persuasão e de sedução do sujeito.

Berger e Luckmann (2014, p. 122) definem o processo de legitimação como “uma objetivação de sentido de ‘segunda ordem’”, pois consiste na criação de significados adicionais aos processos institucionais que os expliquem e justifiquem. Desse modo, compreendem que a “função da legitimação consiste em tornar objetivamente acessível e subjetivamente plausível as objetivações de ‘primeira ordem’, que foram institucionalizadas” (p. 122).

Van Leeuwen (2007, p. 91) discute quatro principais categorias para analisar como os discursos constroem a legitimação ou a deslegitimação de práticas sociais tanto na comunicação pública como na interação cotidiana. São elas: 1) autorização – semelhante à autoridade proposta por Charaudeau, esse tipo de legitimação recorre à tradição, às leis, aos costumes e às pessoas que representam uma autoridade ou instituição; 2) avaliação moral – categoria que busca a legitimação por meio de discursos de valor; 3) racionalização – legitimação que recorre aos objetivos e usos das ações sociais institucionalizadas e conhecimentos sociais que validam essas ações; e 4) mitopoese – legitimação que é veiculada através de narrativas que buscam recompensar ações consideradas legítimas e punir ações consideradas não legítimas.

Recuero (2020) utiliza as categorias propostas por Van Leeuwen para analisar as estratégias discursivas acionadas para legitimar desinformação no Twitter. Para a autora, o fenômeno da desinformação se relaciona intrinsecamente às estratégias de legitimação que são acionadas no discurso. Também avaliando a construção da legitimidade dos discursos, Sacramento et al. (2020, p. 5,) avaliam que a covid-19 “pode ser nossa primeira pandemia da era pós-verdade”. Os autores descrevem que, nesse cenário, ocorre um deslocamento “da autoridade experimental, baseada no experimento científico e seus princípios e rigores teórico-metodológicos, para uma autoridade experiencial, sedimentada na experiência pessoal sobre as coisas do mundo como a verdade em si mesma” (p. 10), mudança essa que passa a reconhecer as testemunhas – e não mais apenas os cientistas – como produtores de conhecimento. Nesse sentido, compreendem que a “experiência como lugar da verdade tomou, inegavelmente, um lugar central”. (Sacramento et al., 2020, p. 10).

Avaliando as estratégias discursivas de legitimação do jornalismo americano também a partir da proposta de Van Leeuwen, Robinson (2017, p. 14) atenta para as implicações desse novo lugar atribuído à experiência nas narrativas: Para a autora, promover experiência pessoal informal ao papel de especialista cria ainda mais desafios de credibilidade e autoridade para os jornalistas.

Após examinarmos alguns exemplos de estratégias desenvolvidas com o objetivo de legitimação de discursos, a próxima seção detalha o percurso empreendido para identificação das estratégias discursivas de legitimação acionadas pelo JN na cobertura de três acontecimentos jornalísticos.

O OBJETO DE ESTUDO: ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO E ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

O primeiro acontecimento jornalístico selecionado para a análise foi o rompimento de barragens da companhia Vale em Brumadinho (MG), ocorrido em 25 de

janeiro de 2019 e considerado uma das maiores tragédias humanas e ambientais do Brasil. Foi constatado que 270 pessoas morreram e três seguiam desaparecidas até janeiro de 2023 (Zuba & Milagres, 2023)⁴. Em 2015, também em Minas Gerais, já havia ocorrido o maior desastre ambiental da história do país: a barragem de Fundão no distrito de Bento Rodrigues em Mariana se rompeu, resultando na morte de 19 pessoas. Os impactos ambientais, sociais e econômicos chegaram a 39 municípios dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo (Tokarnia, 2020).

O segundo acontecimento jornalístico selecionado foi o aumento de queimadas na Floresta Amazônica e o período de análise começou em 21 de agosto de 2019, quando dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) revelaram um aumento de 145% nos focos de incêndio na Amazônia, crescimento que repercutiu intensamente na imprensa nacional e internacional (*Amazon fires increase*, 2019), sendo também um dos assuntos mais comentados nas mídias sociais (#PrayForAmazonas, 2019).

O terceiro acontecimento jornalístico escolhido foi a pandemia de covid-19, declarada em 11 de março de 2020 pela OMS e que até 30 de janeiro de 2023 havia matado 6.807.572 pessoas no mundo, sendo 696.603 no Brasil, número que deixa o país atrás apenas dos Estados Unidos em número de vítimas fatais (OMS, n.d.).

Cada acontecimento jornalístico foi analisado por um período de quatro semanas, totalizando um corpus de 84 edições do JN disponibilizadas na plataforma Globo Play, na qual assistimos na íntegra essas edições em busca de pistas de estratégias discursivas desenvolvidas especialmente com o objetivo de legitimação. Inicialmente, realizamos a decupagem dessas pistas. Além da transcrição do texto audiovisual⁵, tendo como ponto de partida os trabalhos de Rezende (2000), Paternostro (2006) e Siqueira (2012) identificamos o formato dos fragmentos (manchetê⁶, cabeça⁷, off⁸, passagem⁹, entrevista¹⁰, recado¹¹, nota¹², nota coberta¹³, nota ao vivo¹⁴, nota pé¹⁵, pergunta¹⁶, display¹⁷, entrada ao vivo¹⁸, encerramento¹⁹ e conteúdo amador²⁰). Também buscamos identificar o enunciador, o local, a data e a localização do fragmento no telejornal analisado.

O processo de decupagem resultou em 220 fragmentos que foram agrupados de acordo com suas principais características, formando bolsões discursivos que nortearam a identificação das estratégias discursivas de legitimação²¹. Os fragmentos resultaram em quatro tipologias que vão ao encontro do objeto no contexto da midiaticização. São elas:

1. Autorreferencialidade: considerada um dos principais aspectos do Jornalismo transformados pelo processo de midiaticização, produz uma enunciação que não privilegia o mundo externo, mas destaca suas próprias operações, em uma espécie de autocelebração de uma maneira específica de Jornalismo, que é tomado também enquanto

⁴Dezesseis pessoas denunciadas pelo Ministério Público Federal respondem a processo por homicídio qualificado e crimes ambientais na Justiça Federal. As empresas Vale e a Tüv Süd – empresa alemã que atestou a segurança da barragem – também respondem a processos por crimes ambientais (Zuba & Milagres, 2023).

⁵Considerando o texto a “*manifestação material* (verbal e semiológica: oral/gráfica, gestual, icônica etc.) da enunciação de um ato de comunicação” (Charaudeau, 2019, p. 77). Os recursos imagéticos, gráficos e de edição, próprios da linguagem televisiva, foram mantidos nos casos em que a decupagem visual auxiliou a evidenciar o acionamento da estratégia discursiva analisada.

⁶As manchetes são os assuntos destacados na abertura dos telejornais com o objetivo de captar a audiência para o programa.

⁷Texto lido pelo apresentador ao vivo no estúdio ou pelo repórter em entrada ao vivo, que introduz o assunto abordado em reportagem, nota coberta, entrevista, entrada ao vivo, etc.

⁸Texto gravado pelo repórter com inserção posterior de imagens.

⁹Também chamada de boletim, marca a presença do repórter no local do acontecimento.

¹⁰Também chamada de sonora, são os depoimentos inseridos nas reportagens gravados com a orientação de uma equipe de jornalismo.

¹¹Fragmento verificado em nosso corpus apenas no acontecimento da pandemia de covid-19. São depoimentos do público veiculados com a intenção de enviar uma orientação aos telespectadores, um recado, como foi denominado pelo JN.

¹²Nota lida pelos apresentadores ao vivo sem inserção de imagens.

¹³Nota gravada pelos apresentadores com inserção posterior de imagens.

¹⁴Nota lida pelos apresentadores ao vivo com inserção de imagens também ao vivo.

¹⁵Nota lida ao final de uma reportagem com informações complementares.

¹⁶Refere-se à interlocução dos repórteres com os entrevistados.

¹⁷Nota lida pelo apresentador no estúdio com inserção de arte em um painel virtual.

¹⁸Corresponde à narrativa de simultaneidade descrita por Charaudeau (2013).

¹⁹Corresponde ao término do telejornal.

²⁰Conteúdos gerados por usuários que integram as narrativas jornalísticas. Salientamos que usamos a expressão *amador* unicamente como forma de distinção das produções das equipes de jornalismo e não como forma de avaliar pejorativamente os materiais.

²¹Em função do espaço, neste artigo reproduzimos 28 dos 220 fragmentos selecionados para a pesquisa (ver Tabela 2).

²²Entendendo os meios de comunicação como sistemas observadores, Luhmann (2011, p. 21) sublinha que eles precisam diferenciar a autorreferência da heterorreferência e não podem “tomar a si mesmos como a verdade. Eles precisam assim construir a realidade, uma outra realidade, diferente da deles mesmos”.

²³A partir de uma aproximação às ideias do educador Paulo Freire, Cerqueira (2018) busca avançar no estudo da função pedagógica do telejornalismo proposta por Vizeu (2009) e descreve 12 dispositivos didáticos do telejornalismo atual.

personagem (Fausto Neto, 2008). Recorrendo a Luhmann²², o autor compreende que diante da “apresentação desta «realidade da construção» edifica-se um novo contrato de leitura através do qual as mídias acabam sendo seu próprio objeto” (Fausto Neto, 2008, p. 98).

2. Apropriação de conteúdos amadores: refere-se aos conteúdos gerados por usuários que são cada vez mais integrados às narrativas jornalísticas, como consequência da ubiquidade dos dispositivos de registro do real somada à “aquisição coletiva de competências para a produção de conteúdo” (Martins, 2015, p. 252). Esses conteúdos redefiniram os papéis de produtores e consumidores e transformaram de forma irreversível a relação entre jornalistas e audiência (Christofoletti, 2014; Serra et al., 2015).
3. Instantaneidade: estratégia que atenta para aspectos de um dos principais valores-notícia e para a própria essência do Jornalismo – a produção de relatos sobre a atualidade (Franciscato, 2014; Wolf, 2001). Foram as transmissões ao vivo do rádio e, posteriormente, da televisão que definiram o sentido da instantaneidade para o Jornalismo contemporâneo, pois até então seu significado estava atrelado à periodicidade dos jornais impressos (Franciscato, 2014). Sentido esse que foi redefinido pela internet e, especialmente, pelas redes sociais acessadas por dispositivos móveis (Bell & Owen, 2017).
4. Didaticidade: noção elaborada pelo Centre de Recherche sur les Discours Ordinaires et Spécialisés (Cediscor) em 1993 “para designar a coloração didática de discursos cuja vocação social não é fundamentalmente transmitir conhecimentos” (Moirand, 2014, p. 165). Moirand (2000, p. 10) observa que acontecimentos de natureza distinta como catástrofes, descobertas científicas e questões relacionadas à saúde se transformam na mídia em “lugares de transmissão de conhecimento”. Analisando especificamente o telejornalismo, Vizeu (2009, p. 80) compreende que a função pedagógica se desenvolve por meio de uma construção didática, que resulta “de uma série de enquadramentos culturais, das práticas sociais, da cultura profissional, dos constrangimentos organizacionais e do campo da linguagem” acionados pelos jornalistas na produção de notícias²³.

Nossa investigação demonstrou que as estratégias foram desenvolvidas de modo articulado com o objetivo de legitimar a instituição Jornalismo, a organização Rede Globo, seus profissionais e a narrativa telejornalística configurada por eles. Em nossa análise, essas estratégias são relacionadas aos níveis situacional, discursivo e semiolinguístico, propostos por Charaudeau (2005, 2013, 2014d, 2019)²⁴, como sintetiza a Tabela 1:

Tabela 1

Estratégias discursivas de legitimação institucionais, organizacionais e da narrativa telejornalística

NÍVEL SITUACIONAL	NÍVEL DISCURSIVO	NÍVEL SEMIOLINGUÍSTICO
Estratégias de legitimação institucionais	Estratégias de legitimação organizacionais	Estratégias de legitimação da narrativa telejornalística
Autorreferencialidade	Autorreferencialidade	Autorreferencialidade Apropriação de conteúdos amadores Instantaneidade Didaticidade

Nota. Elaboração própria

²⁴Barichello, Dall Agnese e Belochio (2016) propõem um modelo de análise das estratégias de legitimação do Jornalismo também em três níveis: macro (institucional), micro (organizacional) e híbrido (institucional e organizacional). Nossa proposta de análise reconhece o trabalho das autoras, relacionando-o à proposta de Charaudeau (2005, 2013, 2014d, 2019) que ampara nosso referencial metodológico,

As estratégias discursivas de legitimação institucionais buscam legitimar o Jornalismo enquanto instituição social que se configura “na conjunção das possibilidades tecnológicas com determinadas condições históricas, sociais, econômicas e culturais” (Gomes, 2007, p. 5). Guerra (2008) complementa que o Jornalismo tem como pilar a mediação entre fatos da realidade e pessoas. Para o autor, a instituição jornalística simboliza “a sistematização de valores e procedimentos técnicos forjados ao longo da formação e legitimação social da prática jornalística”, ou seja, as características que moldam tanto o *ser* como o *fazer* jornalísticos: seu conceito, seus princípios e sua função (Guerra, 2008, p. 143). Relacionando ao nível situacional de Charaudeau (2005, 2013, 2014d, 2019), são estratégias que reforçam a identidade, a finalidade e o propósito do Jornalismo enquanto instituição.

As estratégias discursivas de legitimação organizacionais têm por objetivo a legitimação das organizações jornalísticas. As organizações são a materialização da instituição jornalística, empresas que desempenham a função mediadora do Jornalismo, atendendo às normas institucionais de formas específicas, dependendo das audiências para as quais os produtos são desenvolvidos e atentando, ainda, para fatores internos e externos que influenciam na qualidade do produto jornalístico (Guerra, 2008). As estratégias de legitimação organizacionais buscam estabelecer um vínculo confiável e transparente entre a organização jornalística e seus públicos. Em correspondência ao nível discursivo de Charaudeau (2005, 2013, 2014d, 2019), as estratégias de legitimação organizacionais referem-se aos modos de falar específicos da organização jornalística.

As estratégias discursivas de legitimação da narrativa telejornalística buscam legitimar a própria configuração da narrativa telejornalística e seus enunciadores e referem-se à tessitura do próprio telejornal ou, em correspondência ao nível

semiolinguístico de Charaudeau (2005, 2013, 2014d, 2019), a aspectos da própria configuração textual que buscam atender etapas de credibilidade, captação e legitimação.

Após apresentarmos o percurso que empreendemos para identificar as estratégias discursivas de legitimação acionadas nas coberturas dos acontecimentos, a próxima seção apresenta distintos modos de operacionalização dessas estratégias identificados em nossa pesquisa.

INVESTIGANDO A CONSTRUÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE LEGITIMAÇÃO

Nossa pesquisa identificou a autorreferencialidade e a apropriação de conteúdos amadores como estratégias discursivas de legitimação comuns à cobertura dos três acontecimentos selecionados para a análise, mas verificamos que sua construção ocorreu de modos distintos. A Tabela 2 apresenta um recorte de fragmentos que ilustram essas diferenças. Os destaques em negrito buscam evidenciar a análise.

Tabela 2

Fragmentos selecionados para análise

Nº	Formato	Enunciador/ local	Data/ localização	Transcrição/link
1	Passagem	Ricardo Soares B. Horizonte (MG)	26/01/2019 12'27"	Na imagem do GloboCop . . . https://globoplay.globo.com/v/7332166/
2	Off	Carlos de Lannoy Brumadinho (MG)	04/02/2019 3'25"	Numa reportagem exibida ontem no Fantástico . . . https://globoplay.globo.com/v/7354856/
3	Cabeça	Renata Vasconcellos Estúdio JN (RJ)	31/01/2019 1'35"	O G1, o portal de notícias da Globo, preparou uma animação . . . https://globoplay.globo.com/v/7345623/
4	Off	Ricardo Soares B. Horizonte (MG)	01/02/2019 10'58"	A Rede Globo confirmou as informações . . . https://globoplay.globo.com/v/7348848/
5	Off	Roberto Kovalick Brumadinho (MG)	28/01/2019 2'08"	O repórter cinematográfico Rogério Rocha flagrou . . . https://globoplay.globo.com/v/7336205/
6	Off	Roberto Kovalick Brumadinho (MG)	29/01/2019 6'49"	O produtor Renan Peixoto, da Globo News, conversou . . . https://globoplay.globo.com/v/7339126/
7	Cabeça	Renata Vasconcellos Estúdio JN (RJ)	06/02/2019 1'35"	. . . a reportagem é de Andrea Sadi e Marcelo Parreira. https://globoplay.globo.com/v/7361055/

Continuação

Nº	Formato	Enunciador/ local	Data/ localização	Transcrição/link
8	Passagem	Roberto Kovalick Brumadinho (MG)	28/01/2019 1'42''	... olha só, não é totalmente seguro [repórter se escora em uma árvore para passar]. A gente tem que atravessar, por exemplo, esse córrego aqui. E alguém também botou um tronco pra servir de ponte por aqui. Não dá pra dar mais do que um passo. Olha só. Tem muito barro, muita lama, muitos galhos. [corte na edição] ... https://globoplay.globo.com/v/7336205/
9	Off	Júlio Mosquera Brasília, DF	21/08/2019 8'47''	A rede britânica BBC destaca: número recorde de incêndios na floresta tropical brasileira ... https://globoplay.globo.com/v/7861484/
10	Cabeça	Renata Vasconcellos Estúdio JN (RJ)	23/08/2019 16'18''	O serviço de checagem Fato ou Fake do Grupo Globo encontrou alguns exemplos [de postagens sobre a Amazônia com fotografias antigas ou de outros lugares] https://globoplay.globo.com/v/7867621/
11	Off	Felipe Santana Nova York, EUA	28/08/2019 11'55''	E hoje de madrugada Greta Thunberg postou uma foto nas redes sociais em que já era possível ver as luzes da cidade de Nova York [a foto é reproduzida sem identificar as redes sociais citadas] https://globoplay.globo.com/v/7879685/
12	Pergunta	Jornalista não identificada Brasília, DF	22/08/2019 2'53''	Podem ser fazendeiros também? [Pergunta feita à Bolsonaro em relação à autoria dos incêndios na Amazônia] https://globoplay.globo.com/v/7864435/
13	Off	Bianca Rothier Zurique, Suíça	17/03/2020 39'15''	Na entrevista de hoje, o diretor do braço europeu da OMS destacou que vivemos um momento sem precedentes e ressaltou a importância do trabalho dos jornalistas para o sucesso do combate à pandemia. https://globoplay.globo.com/v/8407649/
14	Conteúdo amador	Narrador anônimo Brumadinho (MG)	25/01/2019 7'19''	Meu Deus do Céu! Vai, vai, sai, sai! [homem registra com a câmera trêmula a correnteza de lama] https://globoplay.globo.com/v/7330310/

Continuação

Nº	Formato	Enunciador/local	Data/localização	Transcrição/link
15	Conteúdo amador	Narrador anônimo Brumadinho (MG)	25/01/2019 7'26''	[áudio de respiração ofegante] O véio [sic], todo mundo que tava [sic] lá embaixo com certeza morreu [vídeo registra a fuga de um trabalhador da correnteza de lama] https://globoplay.globo.com/v/7330310/
16	Off	Fabiano Villela Belém (PA)	31/08/2019 4'08''	Em São Félix do Xingu, fiscais do Ibama apreenderam 1200 cabeças de gado numa área embargada por desmatamento ilegal e que deveria estar desocupada para que a floresta voltasse a crescer . . . [off coberto com reproduções de fotografias de gado apreendido. Em caracteres: imagens cedidas pelo IBAMA] https://globoplay.globo.com/v/7888327/
17	Off	Ana Paula Rehbein Palmas (TO)	16/09/2019 21'09''	. . . Uma família que passava de carro pelo local registrou a cena [sobe som narrador anônimo: Olha lá o menino tocando fogo!] https://globoplay.globo.com/v/7928069/
18	Off	Giovana Dourado Goiânia (GO)	16/09/2019 19'53''	. . . quem mora na vizinhança ficou assustado [sobe som narradora anônima: Já tá chegando até aqui em casa, meu Deus. O que vai ser da gente? Olha as labaredas!] https://globoplay.globo.com/v/7928069/
19	Conteúdo amador	Sofia, 4 anos Rio de Janeiro (RJ)	24/03/2020 17'59''	Chegando aqui pra dar um recado importante. Para de sair pra rua! É para ficar dentro de casa, entendeu? . . . https://globoplay.globo.com/v/8428682/
20	Entrada ao vivo	Liliana Junger Brumadinho (MG)	25/01/2019 20'29''	. . . Eu falo ao vivo do Distrito de Córrego do Feijão que pertence à Brumadinho. É onde fica a mina onde as três barragens se romperam . . . https://globoplay.globo.com/v/7330310/
21	Cabeça	Sandra Annenberg Estúdio JN (RJ)	26/01/2019 1'33''	Nós acabamos de receber a atualização do número de mortos . . . https://globoplay.globo.com/v/7332166/

Continuação

Nº	Formato	Enunciador/ local	Data/ localização	Transcrição/link
22	Passagem	Roberto Kovalick Brumadinho (MG)	28/01/2019 2'19'	Agora chegou o helicóptero para buscar o corpo encontrado aqui no ônibus. Ele faz uma aproximação muito cuidadosa. Olha só, pra chegar ali perto dos socorristas [corte na edição]. Ele chega bem pertinho. Agora estão se preparando para buscar esse corpo que foi encontrado mais cedo dentro do ônibus [pausa]. É bem arriscada essa operação. Agora ele se afasta um pouco [novo corte na edição]. É um trabalho que precisa ser feito com muito cuidado e também muito respeito ao corpo que está sendo nesse momento retirado. Ali aparece o saco onde está o corpo. E agora o corpo vai sendo levado, o primeiro corpo retirado do ônibus que foi encontrado ontem pelas equipes que fazem as buscas. https://globoplay.globo.com/v/7336205/
23	Off	Graziela Azevedo São Paulo (SP)	12/03/2020 15'20'' Os especialistas explicam que idosos e pessoas com doenças crônicas são os grupos de maior risco, mas crianças e jovens sem sintomas são transmissores. https://globoplay.globo.com/v/8395411/
24	Nota	Renata Vasconcellos Estúdio JN (RJ)	02/04/2020 24'49'' A página do Jornal Nacional na Internet tem outras informações sobre o cadastro único [necessário para obter o auxílio emergencial durante a pandemia] https://globoplay.globo.com/v/8453685/
25	Recado	Luís Claudio Caetano, gari Rio de Janeiro (RJ)	30/03/2020 49'' A gente faz o nosso papel e peço a vocês que vocês fazem o de vocês colaborando ficando em casa, nos ajudando, assim como nós tamos [sic] ajudando vocês a manter a cidade limpa. https://globoplay.globo.com/v/8444288/
26	Off	Alan Severiano São Paulo (SP)	26/08/2019 26'10''	Na rodovia transamazônica, mais flagrantes da destruição da floresta [imagens de toras apreendidas]. https://globoplay.globo.com/v/7873524/

Continuação

Nº	Formato	Enunciador/local	Data/localização	Transcrição/link
27	Nota	Ana Paula Araújo Estúdio JN (RJ)	28/03/2020 22'10''	. . . o trabalho de todos os colegas jornalistas daqui da Globo, mas também de todos os veículos, é um remédio poderoso: dar informação para que o povo possa se proteger . . . https://globoplay.globo.com/v/S440881/
28	Nota	Renata Vasconcellos Estúdio JN (RJ)	23/03/2020 4'01''	. . . Informação no momento desses é vital, é fundamental. É como lavar as mãos: tem que lavar. E a gente tem que se informar . . . https://globoplay.globo.com/v/S425010/

Nota. Elaboração própria a partir de *Jornal Nacional*, edições entre 25/01/2019 e 26/02/2019, 21/08/2019 e 21/09/2019 e 11/03/2020 e 11/04/2020, disponíveis na plataforma Globo Play (<https://globoplay.globo.com/>).

No acontecimento do rompimento de barragens da companhia Vale em Brumadinho, verificamos que a autorreferencialidade se concentrou nos níveis organizacional e da narrativa telejornalística, valorizando recursos técnicos (fragmento 1), programas (fragmento 2), veículos que foram tomados como fontes pelo JN (fragmento 3) e procedimentos de apuração que demonstram alinhamento da organização e do telejornal a princípios do campo jornalístico, como precisão (fragmento 4), buscando personificar a emissora, seus programas e veículos, na tentativa de estabelecer maior proximidade com o telespectador (Jost, 2010). A autorreferencialidade profissional foi verificada pelo reforço da presença e autoridade de cinegrafistas, produtores e repórteres na cobertura do acontecimento (fragmentos 5, 6 e 7), mas, especialmente, pela ênfase nas experiências dos repórteres para relatar o acontecimento (fragmento 8), ressaltando a “realidade da construção” (Fausto Neto, 2008, p. 98) e, por vezes, reportando o fazer jornalístico enquanto um drama (Coutinho, 2012). Entendemos que essa atuação resgata um ideal romântico do profissional de Jornalismo, que se arrisca em busca de uma informação genuína e, por outro lado, busca se desvincular de cânones jornalísticos cada vez mais questionados, como a objetividade, a neutralidade e a precisão, indo ao encontro de uma estética televisual mais realista, que mimetiza características de vídeos amadores (Martins, 2015) e eleva as vivências dos repórteres na cobertura dos acontecimentos ao caráter de notícia, evidenciando ainda o recurso à *atorização* dos jornalistas, uma das características do Jornalismo na sociedade midiaticizada (Fausto Neto, 2008).

Já no acontecimento do aumento de queimadas na Floresta Amazônica, identificamos um maior protagonismo da autorreferencialidade no nível institucional. Veículos de referência foram mencionados diversas vezes como forma de autenticar

o próprio acontecimento (Leal & Carvalho, 2014; Soster, 2009), denunciado pela ciência e minimizado pela gestão Bolsonaro (fragmento 9) em um *preview* do que vivenciaríamos meses depois, com a emergência da pandemia de covid-19. A estratégia desenvolvida em nível institucional também defendeu uma fronteira entre o Jornalismo e as informações obtidas em redes sociais (Christofoletti, 2014, p. 269), reiterando destaque a processos elementares da produção jornalística, como a checagem (fragmento 10), e opacizando os meios que dispensam a mediação jornalística (fragmento 11). O modo genérico de identificação das redes sociais contrasta com a constante referência verbal e imagética realizada quando as fontes das informações são as próprias organizações jornalísticas. Até mesmo fragmentos como perguntas, antes normalmente excluídas no processo de edição ou substituídas pelo texto dos repórteres (Coutinho, 2012), passaram a ser incorporadas às reportagens (fragmento 12), atentando para o fazer jornalístico enquanto processo coletivo e plural, que não se restringe ao repórter que narra o acontecimento, mas que reconhece também outros atores que atuam no ecossistema jornalístico, colaborando, assim, para reforçar a autoridade da própria instituição. Embora episódicas, essas iniciativas buscam ir ao encontro da demanda social por mais transparência e menos opacidade jornalística (Deuze, 2005; Ferrari & Christofoletti, 2022).

Os modos de operacionalização da estratégia da autorreferencialidade em nível institucional verificados no acontecimento do aumento de queimadas na Floresta Amazônica foram ratificados e intensificados no acontecimento da pandemia de covid-19, especialmente como tática de defesa e reforço da autoridade institucional do Jornalismo, diante do incremento de ataques à imprensa protagonizados especialmente pelo então presidente da República, Jair Bolsonaro. Para tanto, o telejornal também deu visibilidade à reiteradas avaliações heterorreferenciais (Luhmann, 2011) sobre a importância do Jornalismo no combate à pandemia (fragmento 13).

Em relação à apropriação de conteúdos amadores, no rompimento de barragens em Brumadinho, a estratégia foi desenvolvida especialmente através da incorporação de testemunhos anônimos às narrativas, que contemplam registros de imagens com narração simultânea dos fatos registrados (fragmentos 14 e 15), evidenciando ao telespectador “que a imagem foi captada por um corpo, por um ser humano engajado na realidade que ele filma e que, longe de ocultar-se, mostra sua subjetividade, seu ponto de vista” (Jost, 2009, p. 19), produzindo, por vezes, uma imagem violenta²⁵ que é “mais vivida do que propriamente vista”, o que contrastou com as imagens obtidas a partir de “um ponto de vista desencarnado”²⁶ (Jost, 2010, pp. 100-101), como as câmeras de segurança da mineradora. Os testemunhos desempenharam uma dupla função: atentaram ao poder de afetação do acontecimento (Quéré, 2005), humanizando narrativas baseadas em fontes oficiais, mas também dramatizaram as reportagens, com o uso e repetição de imagens violentas (Jost, 2010).

²⁵ Para Jost (2010, p. 101) a imagem violenta tem como característica a produção de um choque perceptivo, pois “permite viver o acontecimento, porque ela constrói, por sua enunciação, uma humanidade atrás da câmera, de tal maneira que é possível que certas imagens, mesmo não mostrando, possam tornar-se, apesar disso, violentas”.

²⁶ Jost (2010) usa essa expressão para descrever as imagens registradas por câmeras de monitoramento da rede de televisão CNN do choque do avião com a primeira torre do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001 em Nova York.

Na cobertura do aumento de queimadas na Floresta Amazônica, a apropriação de conteúdos amadores ocorreu especialmente pela integração de imagens e fotografias às narrativas, oriundas principalmente de instituições oficiais de fiscalização e segurança que publicizaram diariamente suas ações por meio do telejornal (fragmento 16). Esse modo de operacionalização da apropriação de conteúdos amadores investiu no telejornal uma espécie de “dom de ubiquidade” (Charaudeau, 2013, p. 135), em que pese ter priorizado o caráter factual e fragmentado das informações, comum às coberturas ambientais e construções narrativas atuais (Babo, 2017; Girardi et al., 2020; Motta, 2017). Assim como verificamos em Brumadinho, os testemunhos incorporados às reportagens sobre as queimadas também tiveram como característica o anonimato ou a identificação genérica de seus autores (fragmento 17) e somente atentaram ao poder de afetação do acontecimento (Quéré, 2005) em sua extensão para regiões do Cerrado e Pantanal, sendo usados especialmente para autenticar o *off* dos repórteres e conferir maior dramatização às narrativas (fragmento 18). Os testemunhos dos povos amazônicos ficaram restritos a poucas e rápidas entrevistas realizadas pelas equipes de reportagens.

Já no acontecimento da pandemia de covid-19, a apropriação de conteúdos amadores, até então restrita à incorporação de imagens, fotografias e testemunhos pontuais – com os objetivos de humanização, dramatização ou publicização de flagrantes e/ou informações factuais – foi flexibilizada e se expandiu para todos os elementos da narrativa telejornalística, em um exemplo singular de adaptação do exercício do Jornalismo que, no contexto da midiatização da sociedade (Hjarvard, 2012), viabilizou a manutenção da construção de reportagens durante o período de isolamento social.

Um exemplo é a reportagem de Hélder Duarte sobre a organização dos moradores das favelas do Rio de Janeiro pelas redes sociais para prevenir casos de coronavírus, exibida em 24 de março de 2020. Três depoimentos de moradores postados em redes sociais foram reproduzidos pela reportagem. Todos eles foram nomeados. Imagens amadoras e registros de falta de água feitos pelos moradores também integraram a reportagem. O apelo de uma menina de quatro anos para as pessoas respeitarem o isolamento social (fragmento 19) foi reproduzido tanto na manchete de abertura da edição (trecho em itálico do fragmento 19) como após o *off*: “E essa menininha de quatro anos, a Sofia, tá sabendo mais do que muita gente grande”. Além da menção em *off*, o nome da menina foi reiterado por caracteres, que também identificavam a região em que Sofia mora, mostrando diferenças em relação aos conteúdos amadores integrados às narrativas dos dois acontecimentos anteriores, em que prevaleceram os narradores anônimos.

Já a instantaneidade e a didaticidade foram identificadas como estratégias específicas verificadas nas coberturas do rompimento de barragens da companhia

Vale em Brumadinho e da pandemia de covid-19, respectivamente. Salientamos que, ao identificarmos a instantaneidade e a didaticidade como estratégias discursivas de legitimação específicas desses acontecimentos, não estamos negando que o telejornal tenha acionado esses recursos nas demais coberturas, até mesmo porque tanto a instantaneidade como a didaticidade são características fundantes da televisão, também tensionadas pelos processos de mediação (Casetti & Odin, 1990; Jost, 2010; Machado, 2000). No entanto, verificamos que a instantaneidade e a didaticidade foram elementos acionados pontualmente nos demais acontecimentos, não configurando uma ação coordenada com um objetivo específico, ou uma estratégia, nos termos de Charaudeau (2013).

Desde a emergência do rompimento de barragens da companhia Vale em Brumadinho, o telejornal privilegiou a estratégia discursiva da instantaneidade para agregar maior autenticidade às informações reportadas. Para tanto, recorreu a entradas ao vivo de repórteres direto do local do acontecimento (fragmento 20), intervenções dos apresentadores no estúdio (fragmento 21) e até mesmo reportagens gravadas que simularam efeitos de “ao vivo” (Fechine, 2008), instaurando temporalidades híbridas que foram *opacizadas* pela construção narrativa. Tomamos como exemplo a reportagem de abertura da edição de 28 de janeiro de 2019, feita pelo repórter Roberto Kovalick. Aos 2’19” da edição referida, Kovalick narra o resgate de um corpo simultaneamente ao trabalho dos bombeiros (fragmento 22). Posicionado em uma área com lama mais seca, que delimita o ponto de trabalho das equipes de reportagem, o repórter descreve à distância a chegada de um helicóptero, a preparação para a retirada de uma vítima, o afastamento da aeronave, a retirada do corpo e a saída da aeronave. Os cinco momentos narrados são detalhados pelo cinegrafista com o recurso *zoom in*, oferecendo ao telespectador a possibilidade de acompanhar em detalhes o resgate, criando “a ilusão de uma história se fazendo” sem distâncias de tempo e espaço, efeito que Charaudeau (2013, p. 111) atribui às narrativas ao vivo, mas que compreendemos se estender às narrativas gravadas que simulam essa condição de transparência.

Apesar da passagem ter como objetivo uma narração simultânea do fato e simular um plano sequência, sem cortes, observamos dois cortes de edição, provavelmente para ajustar o tempo da passagem (56”) em relação ao tempo do resgate (que não temos como precisar, mas é supostamente bem maior). No entanto, algumas pausas feitas pelo repórter foram mantidas, acentuando o suspense da reportagem, o que é uma construção narrativa que mimetiza os vídeos amadores e busca se desvincular de características como velocidade e dinamismo, próprias da montagem telejornalística (Polydoro & Costa, 2014). Talvez esse modo de operacionalização da estratégia da instantaneidade decorra do reconhecimento da própria incapacidade dos telejornais diários em serem reconhecidos por ter a agilidade e a rapidez como características

elementares, diante do incremento da velocidade das notícias no ecossistema midiático. Em um momento em que a transparência é um dos principais valores exigidos do Jornalismo (Deuze, 2005; Ferrari & Christofolletti, 2022), entendemos que a opacização das temporalidades híbridas instauradas pelo telejornal pode contribuir para seu próprio processo de deslegitimação, pois acentua a desconfiança acerca dos acontecimentos reportados e sua correspondência com o real.

Já a estratégia discursiva da didaticidade também foi acionada desde o início da cobertura da pandemia de covid-19, sendo que o JN assumiu uma função pedagógica (Vizeu, 2009), indicando à população processos que buscavam orientar ações e comportamentos para enfrentar o coronavírus. A estratégia foi operacionalizada principalmente através da recorrência: à explicação, ancorada em gestores da OMS, Ministério da Saúde e demais autoridades científicas (fragmento 23); à extensão, destacando conteúdos do Jornal Nacional e de outros veículos da organização na internet (fragmento 24); e à exemplificação, inserindo depoimentos do público e dos próprios jornalistas que mostraram adesão e engajamento às orientações da comunidade científica divulgadas diariamente pelo JN. O quadro “Recado Essencial”, que começou a ser apresentado em 27 de março de 2020, ilustra como a experiência tomou o “lugar de verdade” (Sacramento et al., 2020, p. 10) no telejornal. Trabalhadores considerados essenciais – como caminhoneiros, garis e funcionários de supermercados – começaram a endossar o apelo para as pessoas ficarem em casa. O quadro foi produzido sem a presença perceptível de um repórter e/ou produtor e sem inserção de texto em *off*, opacizando a mediação jornalística. Olhando diretamente para a câmera, os próprios trabalhadores diziam o nome, a idade e contavam um pouco da vida pessoal e do cotidiano do trabalho. Imagens dos trabalhadores foram inseridas para conferir maior autenticidade ao depoimento. Ao final, todas as categorias pediam aos telespectadores para aderirem ao isolamento social, como demonstra o fragmento 25.

Após evidenciar os modos de operacionalização das estratégias discursivas de legitimação identificadas em cada um dos acontecimentos selecionados para a pesquisa, na próxima seção, buscamos compreender como os acontecimentos reportados pelos telejornais incidiram sobre as estratégias discursivas de legitimação acionadas pelas coberturas, questão principal deste artigo.

A INCIDÊNCIA DAS CONDIÇÕES DE ENUNCIÇÃO NAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE LEGITIMAÇÃO

Compreendemos que cada acontecimento reportado representa, para o telejornal, um conjunto de coerções que incide nas estratégias discursivas de legitimação acionadas pelas coberturas. Resgatando os três níveis de análise propostos por Charaudeau (2005, 2013, 2014d, 2019), essas coerções são provenientes das

condições da enunciação do nível situacional (dados externos) e incidem nos níveis discursivo e semiolinguístico (dados internos). Na Tabela 3, identificamos aspectos das condições de enunciação de cada acontecimento.

Tabela 3

Aspectos das condições de enunciação dos três acontecimentos analisados

Acontecimento	Condição de identidade “Quem fala a quem?”	Condição de finalidade “Estamos aqui para dizer o quê?”	Condição de propósito “Do que se trata?”	Condição do dispositivo “Em que circunstâncias?”
Brumadinho	Jornalista mediador	Fazer saber Fazer sentir	Tragédia humana e ambiental	Repórteres ao vivo no local do acontecimento desde sua emergência
Amazônia	Jornalista mediador	Fazer saber Fazer sentir Fazer crer	Autenticação de uma tragédia humana e ambiental	Repórteres aproximam-se aos poucos do local do acontecimento
Pandemia	Opacização e ênfase do papel de mediação do jornalista	Fazer saber Fazer sentir Fazer crer Fazer fazer	Autenticação e modos de prevenção de uma tragédia humana	Todos imersos no acontecimento

Nota. Elaboração própria a partir de Charaudeau (2005, 2013, 2014d, 2019)

Em relação à condição de identidade, tanto no rompimento de barragens da companhia Vale em Brumadinho, como no aumento de queimadas na Floresta Amazônica, verificamos que os jornalistas desempenharam a função de mediação entre os fatos e os telespectadores, valorizando sua posição de testemunha dos acontecimentos reportados, destacando, por vezes, também um papel fiscalizatório, como verificamos em reportagens sobre a destruição da Floresta Amazônica, por exemplo (fragmento 26). Tal função foi opacizada no acontecimento da pandemia de covid-19: com a flexibilização narrativa adotada para viabilizar a cobertura do acontecimento, especialistas, entrevistados e testemunhas passaram a dar seus depoimentos por meio de aplicativos de videochamada, muitas vezes sem a mediação perceptível de uma equipe de reportagem, simulando o contato face a face com os telespectadores, restrito até então aos jornalistas. Registramos que, por vezes, essa opacização foi intencional, como identificamos no quadro “Recado Essencial”, analisado na seção anterior como exemplo do recurso à didaticidade. Por outro lado, a expansão da estratégia da autorreferencialidade demonstra o crescente esforço do telejornal em enfatizar a autoridade do Jornalismo, da organização e de seus profissionais.

Quanto à condição de finalidade, no rompimento de barragens da companhia Vale em Brumadinho, a cobertura foi elaborada especialmente para atender às duas principais visadas do contrato informativo destacadas por Charaudeau (2013): informativa (fazer saber) e do *páthos* (fazer sentir). No aumento de queimadas na Floresta Amazônica, a cobertura foi desenvolvida especialmente para atender a uma visada incitativa (fazer crer), diante do negacionismo do Governo Federal perante os números divulgados pelo INPE em relação ao aumento de queimadas na Floresta.²⁷

²⁷ Em 2 de agosto de 2019, o Governo Federal chegou a exonerar o diretor do INPE, Ricardo Galvão, por não concordar com a divulgação dos dados sobre o aumento do desmatamento na Amazônia (Quierati, 2019).

²⁸ Além da defesa do relaxamento do isolamento social, Bolsonaro incentivou o tratamento precoce com remédios sem eficiência comprovada e a não obrigatoriedade da vacina contra a covid-19 (Monari et al., 2021).

²⁹ Segundo Luhmann (2011, p. 47) o conceito de irritação “refere-se à forma pela qual um sistema pode produzir ressonância em relação aos acontecimentos do meio externo”.

³⁰ Bovet (2012) registra que essa expressão foi usada na abertura de um programa de televisão francês sobre a morte de Osama Bin Laden em 2 de maio de 2011.

Já na pandemia de covid-19, diante das informações controversas divulgadas pelo Governo Federal²⁸, o telejornal também privilegiou uma visada prescritiva (fazer fazer), materializada na estratégia da didaticidade, assumindo um papel de orientador e conselheiro da população sobre condutas e práticas para prevenir a doença.

Avançando para a condição de propósito, enquanto em Brumadinho o tema do telejornal foi a repetição de uma tragédia humana e ambiental, na Amazônia o tema foi a própria autenticação da tragédia, e na Pandemia, além da autenticação, o propósito se estendeu à prevenção da tragédia, sendo a informação jornalística associada a um “remédio poderoso”, “vital” e “fundamental” (fragmentos 27 e 28).

Em relação à condição do dispositivo, enquanto em Brumadinho os repórteres estavam no local do acontecimento logo após sua emergência e privilegiaram narrativas em simultaneidade (Charaudeau, 2013), na Amazônia essa aproximação ocorreu de modo gradual, à medida que o telejornal foi irritado²⁹ (Luhmann, 2011) pelo ecossistema midiático internacional e privilegiou narrativas de reconstrução (Charaudeau, 2013). Já na pandemia de covid-19, por sua característica de ser um acontecimento planetário³⁰, todos – e não apenas os jornalistas – estavam imersos no acontecimento com a possibilidade de propagar informações em tempo real, o que também corroborou para a opacização do jornalista como mediador entre os fatos e o público.

Considerando os dados externos identificados no nível situacional e avançando para o nível discursivo, ou seja, os modos de falar do telejornal, compreendemos que as estratégias discursivas de legitimação acionadas pelo telejornal, especialmente a partir da emergência da pandemia de covid-19, passaram a ser operacionalizadas com uma intenção mais simétrica, *com* a audiência e *com* os pares. *Com* a audiência porque os conteúdos amadores foram integrados ao telejornal não apenas com os objetivos de humanização, dramatização e publicização de flagrantes e/ou informações factuais, como verificamos nos acontecimentos de Brumadinho e da Amazônia, mas para dar visibilidade e valorizar as experiências de sujeitos ordinários, não mais predominantemente anônimos. Esse novo modo de falar da organização jornalística vai ao encontro da intensa circulação de micronarrativas que caracterizam o atual ecossistema midiático (Babo, 2017; Motta, 2017) e do reconhecimento dos testemunhos como autoridades experienciais (Sacramento et al., 2020). *Com* os pares

porque o telejornal passou a reconhecer, valorizar e integrar práticas jornalísticas mais colaborativas, outra característica do Jornalismo em midiatização, e que na pandemia foi acionada também para reforçar sua autoridade institucional.

Sublinhamos, no entanto, que a simetria a qual nos referimos é uma *intenção* que pode tanto valorizar a mediação jornalística – quando o telejornal faz correferência a seus pares, por exemplo, característica descrita por Soster (2009) – como opacizá-la (ao privilegiar os conteúdos amadores), mas não interfere na manutenção e reforço de sua centralidade na instância da produção. Em outros termos, consideramos a simetria com a audiência e os pares como uma estratégia transversal às demais estratégias discursivas de legitimação operacionalizadas pelo telejornal a partir da cobertura da pandemia de covid-19.

Nesse sentido, chegando ao nível semiolinguístico – ou as estratégias discursivas de legitimação da narrativa telejornalística –, identificamos o incremento das narrativas em primeira pessoa, como uma das reconfigurações mais significativas do período analisado. Ainda que o telejornal se ancorado em representações idealizadas da atividade (Charaudeau, 2013), as estratégias discursivas de legitimação do telejornal passaram a privilegiar não mais a autoridade pessoal ou institucional dos sujeitos (Charaudeau, 2014c; Van Leeuwen, 2007), mas a autoridade experiencial (Sacramento et al., 2020) de seus enunciadores, sejam eles fontes ou os próprios jornalistas, evidenciando novos tensionamentos no contrato informativo do telejornal.

A partir das estratégias discursivas de legitimação aqui analisadas, compreendemos que a complexidade do espaço de restrições de cada acontecimento faz o telejornal se adaptar, estabelecer novas relações, diferentes modos de falar, diversificar seus temas, expandir suas finalidades e, mais recentemente, buscar o engajamento tanto de seus enunciadores como de sua audiência. ■

REFERÊNCIAS

- Amazon fires increase by 84% in one year – space agency.* (2019, 21 de agosto). BBC. <https://www.bbc.com/news/world-latin-america-49415973>
- Babo, M. A. (2017). Considerações sobre a máquina narrativa. In A. T. Peixinho, & B. Araújo (Eds.), *Narrativa e media: Gêneros, figuras e contextos* (pp. 71-101). Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1324-6-3>
- Barichello, E. M. R. (2017). Visibilidade e legitimidade na atual ecologia midiática. *Estudos em Comunicação*, 2(25), 99-108.
- Barichello, E. M. R., Dall Agnese, C. W., & Belochio, V. C. (2016). Estratégias de legitimação institucional do jornalismo na narrativa transmídia. *Conexão – Comunicação e Cultura*, 15(30), 111-131.

- Becker, B., Machado, H. L., Waltz, I., & Tassinari, J. (2018). A centralidade do telejornal no ambiente midiático convergente: Repensando como as interações entre produção e recepção atribuem sentidos aos Jogos Rio 2016. *Intercom*, 41(3), 1-16. <https://doi.org/10.1590/1809-5844201834>
- Bell, E., & Owen, T. (2017) A imprensa nas plataformas: Como o Vale do Silício reestruturou as plataformas. *Revista de Jornalismo ESPM*, (20), 48-83. <https://arquivo.espm.edu.br/revista/jornalismo/2017-jul-dez/>
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2014). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento* (36a ed.). Vozes.
- Bovet, A. (2012). O acontecimento tomado pela palavra: Um talk show sobre a morte de Osama Bin Laden. In V. R. V. França, & L. Oliveira (Orgs.), *Acontecimento: Reverberações* (pp. 83-97). Autêntica.
- Casetti, F., & Odin, R. (1990). De la paléo- à la néo-télévision. *Communications*, (51), 9-26.
- Cerqueira, L. (2018). *A função pedagógica do telejornalismo – e os saberes de Paulo Freire na prática jornalística*. Insular.
- Charaudeau, P. (2005). Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In M. A. L. Pauliukonis, & S. Gavazzi (Orgs.), *Da língua ao discurso: Reflexões para o ensino* (pp. 11-27). Lucerna.
- Charaudeau, P. (2013). *Discurso das mídias* (2a ed.). Contexto.
- Charaudeau, P. (2014a). Captação. In P. Charaudeau, & D. Maingueneau, *Dicionário de análise do discurso* (3a ed., pp. 93-94). Contexto.
- Charaudeau, P. (2014b). Credibilidade. In P. Charaudeau, & D. Maingueneau, *Dicionário de análise do discurso* (3a ed., pp. 143-144). Contexto.
- Charaudeau, P. (2014c). Legitimação. In P. Charaudeau, & D. Maingueneau, *Dicionário de análise do discurso* (3a ed., p. 295). Contexto.
- Charaudeau, P. (2014d). Situacional (nível -). In P. Charaudeau, & D. Maingueneau, *Dicionário de análise do discurso* (3a ed., pp. 452-453). Contexto.
- Charaudeau, P. (2019). *Linguagem e discurso: Modos de organização* (2a ed.). Contexto.
- Christofoletti, R. (2014). Preocupações éticas no jornalismo feito por não-jornalistas. *Comunicação e Sociedade*, 25, 267-277. [https://doi.org/10.17231/comsoc.25\(2014\).1873](https://doi.org/10.17231/comsoc.25(2014).1873)
- Christofoletti, R. (2019). *A crise do jornalismo tem solução?* Estação das Letras e Cores.
- Coutinho, I. (2012). *Dramaturgia do telejornalismo: A narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora - MG*. Mauad X.
- Dall Agnese, C. T. W., Barichello, E. M. R., & Belochio, V. C. (2016). Legitimação institucional do jornalismo a partir da autorreferencialidade na grande

- reportagem multimídia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 13(2), 34-44. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2016v13n2p34>
- Deuze, M. (2005). What is journalism? Professional identity and ideology of journalists Reconsidered. *Journalism*, 6(4), 442-464. <http://dx.doi.org/10.1177/1464884905056815>
- Edelman. (2023, 26 de janeiro). *2023 Edelman trust barometer: Navigating a polarized world*. <https://tinyurl.com/3s73zn5e>
- Emerim, C. (2020). O conceito de telejornalismo contemporâneo à luz da tradição e da inovação. In C. Emerim, A. Pereira, & I. Coutinho (Orgs.), *Telejornalismo 70 anos: O sentido das e nas telas* (pp. 99-116). Insular.
- Fausto Neto, A. (2008). Fragmentos de uma <<analítica>> da midiatização. *MATRIZes*, (2), 89-105. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p89-105>
- Fausto Neto, A. (2018). Mediação, midiatização: Conceitos entre trajetórias, biografias e geografias. In J. Ferreira, A. P. Rosa, A. Fausto Neto, J. L. Braga, & P. G. Gomes (Orgs.), *Entre o que se diz e o que se pensa: Onde está a midiatização?* (pp. 63-99). Facos – UFSM.
- Fechine, Y. (2008). *Televisão e presença: Uma abordagem semiótica da transmissão direta*. Estação das Letras e Cores.
- Federação Nacional dos Jornalistas. (2023). *Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: Relatório 2022*.
- Ferrari, J. N., & Christofolletti, R. (2022). Instrumentos e práticas de transparência jornalística: Um breve mapeamento. *Âmbitos*, (57), 157-170. <http://dx.doi.org/10.12795/Ambitos.2022.i57.09>
- Figueiredo, C. (2017). Mídia e representação: Manifestações em 2013 e laços políticos entre públicos e meios. *Esferas*, (11), 33-43. <https://doi.org/10.31501/esf.v1i11.8286>
- Fontcuberta, M. (1993). *La noticia: Pistas para percibir el mundo*. Paidós.
- Franciscato, C. (2014). O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais. *Brazilian Journalism Research*, 10(2), 96-123. <https://doi.org/10.25200/BJR.v10n2.2014.741>
- Girardi, I. M. T., Loose, E. B., & Steigleder, D. G. (2020). Novos rumos da cobertura ambiental brasileira: Um estudo a partir do Jornal Nacional. *TraHs*, (7), 47-62. <https://doi.org/10.25965/trahs.2054>
- Gomes, I. M. M. (2007). Questões de método na análise do telejornalismo: Premissas, conceitos, operadores de análise. *E-Compós*, 8, 1-31. <https://doi.org/10.30962/ec.126>
- Guerra, J. L. (2008). *O percurso interpretativo na produção da notícia: Verdade e relevância como parâmetros de qualidade jornalística*. Editora UFS; Fundação Oviêdo Teixeira.

- Hjarvard, S. (2012). Mídiação: Teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *MATRIZES*, 5(2), 53-91. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v5i2p53-91>
- Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência* (2a ed.). Aleph.
- Jost, F. (2009). O que significa falar de “realidade” para a televisão? In I. M. M. Gomes, (Org.), *Televisão e realidade* (pp. 12-30). EDUFBA.
- Jost, F. (2010). *Compreender a televisão*. Sulina.
- Katz, E. (1993). Os acontecimentos midiáticos: O sentido de ocasião. In N. Traquina (Org.), *Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”* (pp. 52-60). Vega.
- Leal, B. S., & Carvalho, C. A. (2014). É que Narciso acha feio o que não é espelho: Autorreferencialidade e identidade do jornal. *Revista Famecos*, 21(1), 148-164. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2014.1.15045>
- Luhmann, N. (2011). *A realidade dos meios de comunicação* (2a ed.). Paulus.
- Machado, A. (2000). *A televisão levada a sério*. Senac.
- Martins, M. O. (2015). Novas estratégias ao telejornalismo como consequência da onipresença de câmeras: A narrativa em primeira pessoa. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 12(2), 251-263. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2015v12n2p251>
- Meditich, E. (2018). Prefácio. In L. Cerqueira, *A função pedagógica do telejornalismo – e os saberes de Paulo Freire na prática jornalística* (pp. 11-13). Insular.
- Moirand, S. (2000). Formas discursivas da difusão de saberes na mídia. *Rua*, 6(1), 9-24. <https://doi.org/10.20396/rua.v6i1.8640696>
- Moirand, S. (2014). Didaticidade. In P. Charaudeau, & D. Maingueneau, *Dicionário de análise do discurso* (3a ed., p. 165). Contexto.
- Monari, A. C. P., Araújo, K. M., Souza, M. R., & Sacramento, I. (2021). Legitimando um populismo anti-ciência: Análise dos argumentos de Bolsonaro sobre a vacinação contra Covid-19 no Twitter. *Liinc em Revista*, 17(1), 1-21. <https://doi.org/10.18617/liinc.v17i1.5707>
- Motta, L. G. (2017). Análise pragmática da narrativa: Teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa. In D. A. Soster, & F. Q. Piccinin (Orgs.), *Narrativas midiáticas contemporâneas: Perspectivas epistemológicas* (pp. 47-63). Catarse.
- Organização Mundial da Saúde. (n.d.). *WHO COVID-19 dashboard*. <https://covid19.who.int/>
- Organização Pan-americana da Saúde. (2020). *Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19*. <https://tinyurl.com/mr3df2p9>
- Paternostro, V. I. (2006). *O texto na TV: Manual de telejornalismo*. Elsevier.
- Polydoro, F. S., & Costa, B. S. (2014). A apropriação da estética do amador no cinema e no telejornal. *Libero*, 17(34), 89-98.
- #PrayForAmazonas: Queimadas viram assunto mais comentado no Twitter no mundo. (2019, 21 de agosto). Terra. <https://tinyurl.com/yk2mc6wu>

- Queiroz, C. C., & Coutinho, I. M. S. (2014). O lugar do jornalista na cobertura dos protestos de junho de 2013 sob o olhar do Observatório da Imprensa e do Profissão Repórter. *Parágrafo*, 2(2), 137-149.
- Quérel, L. (2005). Entre facto e sentido: A dualidade do acontecimento. *Trajectos*, (6), 59-75.
- Quierati, L. (2019, 7 de agosto). *Demissão de diretor do Inpe é oficializada no Diário Oficial da União*. UOL. <https://tinyurl.com/3v5pvw24>
- Recuero, R. (2020). #FraudenasUrnas: Estratégias discursivas de desinformação no Twitter nas eleições 2018. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 20(3), 383-406. <https://doi.org/10.1590/1984-6398202014635>
- Rezende, G. J. (2000). *Telejornalismo no Brasil: Um perfil editorial* (3a ed.). Summus.
- Robinson, S. (2017). Legitimation strategies in journalism. *Journalism Studies*, 18(8), 978-996. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2015.1104259>
- Sacramento, I, Santos, A., & Abib, R. (2020). A saúde na era da testemunha: Experiência e evidência na defesa da hidroxilcloroquina. *Comunicação, Cultura & Sociedade*, 7(1), 3-23. <https://doi.org/10.30681/rccs.v7i1.5087>
- Serra, P., Sá, S., & Souza Filho, W. (Orgs.). (2015). *A televisão ubíqua*. Livros LabCom.
- Siqueira, F. C. (2012). O telejornalismo em transformação: Os formatos da notícia na era digital. In F. Porcello, A. Vizeu, & I. Coutinho (Orgs.), *O Brasil (é)ditado* (pp. 169-189). Insular.
- Soster, D. A. (2009). *O jornalismo em novos territórios conceituais: Internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos* [Tese de doutorado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos]. Repositório digital da biblioteca da Unisinos. <https://tinyurl.com/3pdx8rt8>
- Tokarnia, M. (2020, 29 de outubro). Tragédia de Mariana faz 5 anos e população ainda aguarda reparações. *Agência Brasil*. <https://tinyurl.com/2cu7rad3>
- Van Leeuwen, T. (2007). Legitimation in discourse and communication. *Discourse & Communication*, 1(1), 91-112. <https://doi.org/10.1177/1750481307071986>
- Violência contra jornalistas cresce 105,77% em 2020, com Jair Bolsonaro liderando ataques.* (2021, 26 de janeiro). Fenaj. <https://tinyurl.com/mtdfdhns>
- Vizeu, A. (2009). O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. *Revista FAMECOS*, 16(40), 77-83. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2009.40.6321>
- Wolf, M. (2001). *Teorias da comunicação* (6a ed.). Presença.
- Zuba, F., & Milagres, L. (2023, 24 de janeiro). Brumadinho: Vale, Tüv Süd e 16 pessoas se tornam réis pelo desastre que deixou 270 mortos. *G1*. <https://tinyurl.com/yfrdkv47>